



Ciência, Teoria e Educação Ecofeminista: A Trajetória de Vandana Shiva¹

Science, Theory, and Ecofeminist Education: The Journey of Vandana Shiva

Rosane Terezinha Felipe²

<https://orcid.org/0009-0006-0139-2669>

Evandro Alves Barbosa Filho³

<https://orcid.org/0000-0002-2944-3388>

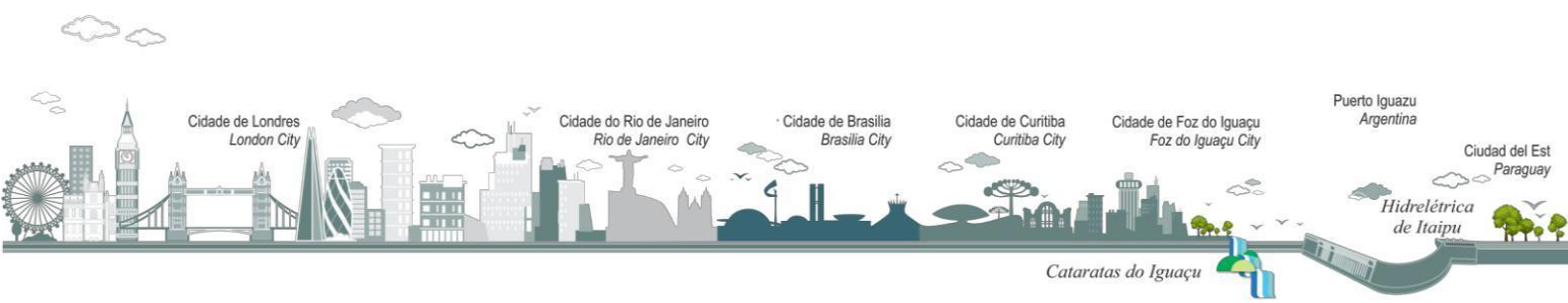
GT 3 - EDUCAÇÃO AMBIENTAL E DIÁLOGOS DE SABERES.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar o pensamento e a trajetória de ação política da ativista indiana Vandana Shiva, trilhando sua trajetória acadêmica, seus trabalhos e estudos para a valorização das mulheres, da natureza e da biodiversidade. A metodologia usada foi a de revisão bibliográfica de artigos que tratam do pensamento da autora e de obras escritas por Shiva. Pode-se pensar nas contribuições de Vandana Shiva para o fortalecimento do ecofeminismo e um ativismo ambiental quando a pensadora destaca o papel que as mulheres, os povos tradicionais e os produtores têm para uma mudança de paradigma frente as grandes corporações que visam o lucro, o controle e o poder. Enquanto sujeitos autônomos e livres, aquele grupo conhece e pode colocar em prática seus saberes a fim de ter um meio ambiente mais sustentável. Desta forma, Shiva procura reconectar o ser humano com a vida e com a natureza. Como parte da natureza, é preciso tratar com cuidado, respeito e cooperação. O pensamento da autora possibilita uma leitura mais ampla diante de todas as situações

¹ Trabalho aprovado por pares e apresentado no **V Workshop da Rede Internacional de Pesquisa Resiliência Climática - RIPERC**, Modalidade Oral, realizado nos dias 10 a 13 de dezembro de 2023. Unioeste, Marechal Cândido Rondon, Paraná.

² Doutoranda em Desenvolvimento Rural Sustentável na Universidade Estadual do Oeste do Paraná/ Campus Marechal Cândido Rondon. Mestrado e Graduação em Filosofia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná/ Campus Toledo. Professora de Filosofia na SEED. <https://orcid.org/0009-0006-0139-2669>. Email: rosane.felipe@unioeste.br

³ Professor Adjunto do curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, campus Francisco Beltrão. Pós-doutor em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Mestre e Doutor em Serviço Social – UFPE. Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Desenvolvimento Rural - DERU - CNPq/UNIOESTE. Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Direitos Sociais e Políticas Sociais - NEPPS CNPq/UFPE. <https://orcid.org/0000-0002-2944-3388>. E-mail: evandro.filho@unioeste.br





que se vive na atualidade: crises climáticas, monocultura da mente e da semente, a Revolução Verde e aspectos reducionistas da ciência hegemônica, integrando ciência crítica e a denúncia da injustiça socioambiental perpetrada por empresas e organizações capitalistas

Palavras-chave: Ecofeminismo. Biodiversidade. Monoculturas.

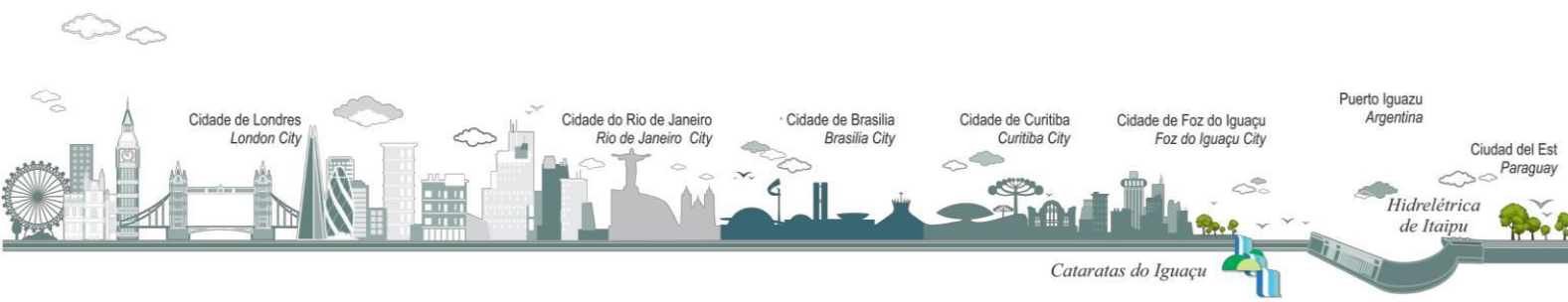
Abstract: This article aims to analyze the thought and trajectory of Indian political action Vandana Shiva, tracing her academic career, her work, and her studies for the enhancement of women, nature, and biodiversity. The methodology carried out was a bibliographical review of articles that theorize the Shiva's 's thinking and works written. We can highlight Vandana Shiva's contributions to strengthening eco-feminism and environmental activism when she pointed out the role that women, traditional populations, and producers have in changing the paradigm against large corporations that seek profit, control, and power. As autonomous and free political subjects, these groups know and can put their knowledge into practice to achieve a more sustainable environment. Therefore, Shiva seeks to reconnect human beings with life and nature. As part of nature, we must treat it with care, respect, and cooperation. The author's thinking also enables a broader reading of all the current situations: climate crises, monoculture of the mind and the seeds, the Green Revolution, and the reductionist aspect of hegemonic science, brushing up on the relation amongst critical science and raising awareness against socio-environmental injustices carried out by capitalist business and organizations.

KEYWORDS: Ecofeminism; Biodiversity; Monocultures.

INTRODUÇÃO

Diante das crises climáticas, dos movimentos feministas que procuram assegurar melhores condições de vida para as mulheres e da importância dos povos tradicionais como guardiões da floresta e da biodiversidade, apresenta-se o pensamento da ativista ambiental e ecofeminista Vandana Shiva. Em suas obras, entrevistas e artigos publicados sobre o seu pensamento, se evidenciada a importância de estudar esses temas tão caros para a vida humana e para a busca de uma alternativa de sociabilidade sustentável e justiça climática frente a um sistema capitalista que procura por lucro, poder e controle sobre recursos ambientais, materiais e simbólicos.

Neste sentido, o presente artigo tem como proposta apresentar a formação intelectual, os estudos e o ativismo desta pensadora, conhecida mundialmente por suas falas contra as grandes corporações e as formas como elas atuam sobre a natureza e as populações, sobretudo nos países em desenvolvimento. Com o intuito de conseguir mais poder, lucro, controle sobre as pessoas e a natureza, as corporações capitalistas, seus representantes políticos e intelectuais implantam na mente e, conseqüentemente no solo, sementes da monocultura. Essa é uma cosmovisão única e reducionista que acaba por desconsiderar e contribuir para o desaparecimento da diversidade e da biodiversidade. Ao se debruçar sobre





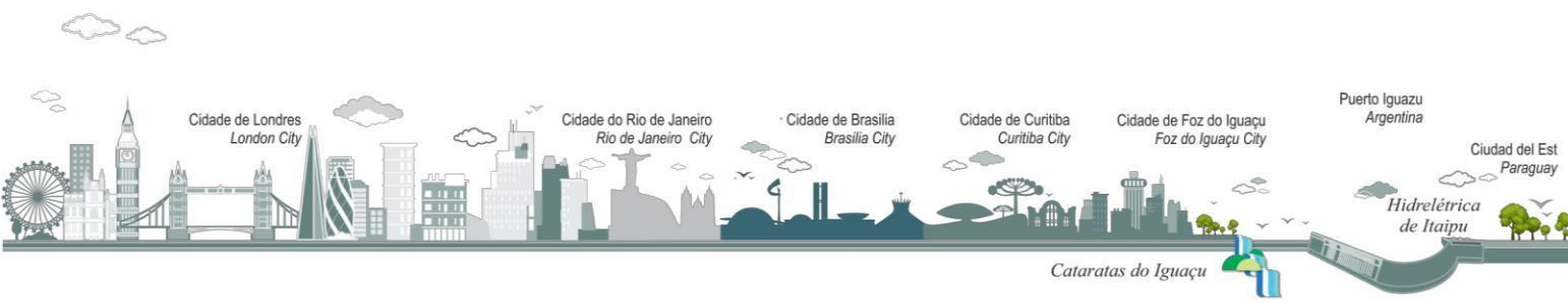
essas e outras temáticas, Shiva denuncia a forma como grandes grupos agem, quais são seus objetivos e como pode-se pensar em um novo mundo, na mudança de paradigmas.

A metodologia utilizada é a revisão bibliográfica das obras de Shiva, entrevistas e referências feitas a ela em periódicos publicações acadêmicas. A escolha das obras da autora ocorre devido a relação da temática com a elaboração do trabalho, a saber, quando em *Monocultura da Mente* (2003) a autora trata que as monoculturas têm o seu início na mente das pessoas e após esse processo as sementes são plantadas; *A Violência da Revolução Verde* (2015) quando destaca a ideia de que as sementes geneticamente modificadas, os fertilizantes, agrotóxicos e a tecnologia, por exemplo, resolveriam vários problemas, dentre eles a falta de alimentos. O que se tem agora são solos pobres, concentração de tecnologias nas mãos de corporações multinacionais do setor agrícola, dentre outros problemas, mas, que de longe contribuíram para a proposta inicial que era a de resolver a escassez de alimentos, que ainda assola muitas localidades.

VIDA E OBRA

Vandana Shiva, nasceu em 5 de novembro de 1952, em DehraDun, no estado Utaracanda, no extremo norte da Índia, filha de uma agricultora e de um guarda florestal, fez sua formação inicial em um Convento da sua cidade natal. Sua formação acadêmica compreende a graduação em Física, em 1972, na Índia, mestrado em Filosofia da Ciência, em 1976, doutorado em Física Quântica, em 1978, com a tese *Variáveis Ocultas e Não-localidade na Teoria Quântica*, na Universidade de Western, Ontario, no Canadá.

Neste período a ciência não era área a ser seguida por mulheres, encontrando dificuldades para seguir neste campo de pesquisa. Sua inspiração foi o pensamento de Albert Einstein que foi sua orientação para a ciência. O que provocou uma mudança de carreira e visão em Shiva foi uma conversa com sua irmã, médica, quando está questiona Shiva sobre as consequências e os impactos da tecnologia nuclear para o meio ambiente e para a saúde das pessoas. Sem resposta, Shiva começa a se questionar sobre o assunto e constata que a ciência hegemônica faz um recorte simplista da realidade, é reducionista, de um estudo e não pensa nas consequências das suas pesquisas, o que advém com os seus estudos e



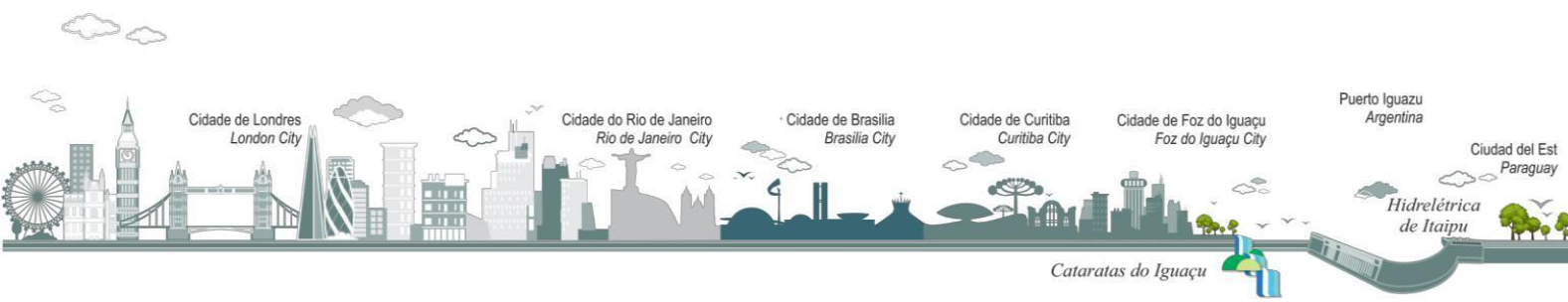


aplicações. Deste modo, a ciência enxerga apenas com um olho, enquanto o conhecimento pressupõe interconexões, visão além do que aparece (Becket *et al.* 2021).

Entretanto, Shiva é mais conhecida pela sua atuação como uma líder ecofeminista, pensadora e ativista ambiental, um símbolo da luta anticapitalista, que discute questões econômicas, que denuncia os interesses de grandes corporações e sua forma de atuação frente aos grupos mais vulneráveis, cujos saberes são vistos como primitivos. Reconhecida como uma protagonista da teoria ecofeminista, dedica-se à importância da agroecologia, defendendo a mesma como uma forma de promover a justiça social, econômica e ambiental, além de destacar o papel das mulheres e dos povos tradicionais para a construção de um meio ambiente mais sustentável. Além disso, insere-se na discussão pela alterglobalização⁴, pensando e propondo uma alternativa ao capitalismo e suas formas de controle e poder que cada vez estão dominando mais os recursos naturais e os saberes. Deste modo, procura-se defender os saberes, a produção e o comércio dos produtos produzidos pelos povos tradicionais e locais, com regras próprias, sem uma abertura muito ampla para as grandes corporações capitalistas que, em alguns casos, fazem acordos com governos e que acabam prejudicando os povos e as comunidades locais.

Vandana Shiva escreveu várias obras, concedeu muitas entrevistas e participou de eventos, como: o Seminário *Agrotóxicos, Impactos Socioambientais e Direitos Humanos* (2018, em Goiás (GO)), em um tour pela Itália e França participou de vários eventos, entre eles o *EireneFest, o Festival do Livro pela Paz e pela Não Violência* (2022), ciclo de conferências *SOS_Tenibilidad* (promovido por La Vanguardia, 2021) disseminando suas ideias e procurando conscientizar as pessoas sobre as questões ambientais, sociais, culturais e econômicas que afetam a vida humana, principalmente dos mais pobres. Nas suas intervenções discute questões ecológicas, ambientais, sobre a biodiversidade, a monocultura da mente e da semente, a questão da água, da Revolução Verde, a exploração e desconsideração dos saberes das mulheres e dos povos tradicionais, por exemplo, que contribuem para a compreensão de como funcionam, pensam e agem os sistemas de

⁴ Alterglobalização significa “ (...) é um movimento social que, diante de uma lógica de globalização liberal desenfreada, reivindica e promove valores como a democracia, a justiça econômica, a proteção do meio ambiente, os direitos humanos na perspectiva de uma globalização controlada e solidária.” Disponível em: <https://goianinha.org/historia/definicao-alterglobalismo/>. Acesso em 16 jul. 2023.





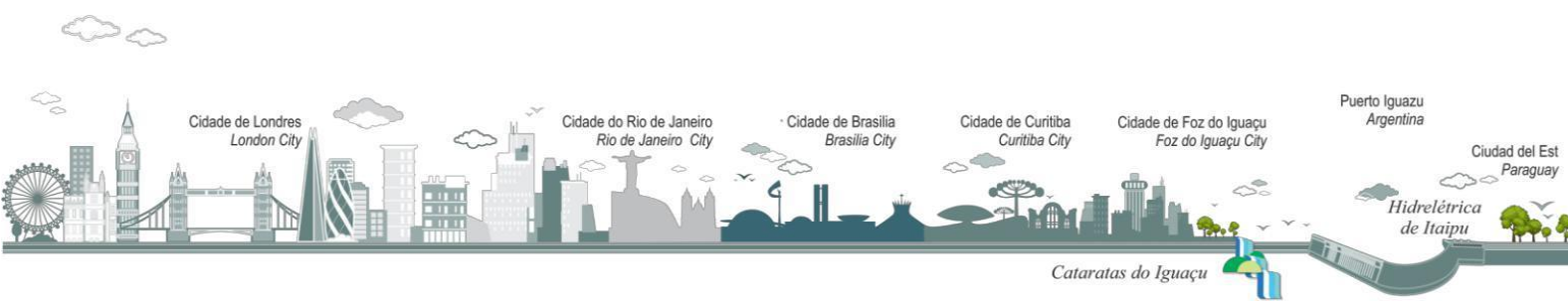
dominação e exploração. Ao implantar uma monocultura, uma corporação passa a ter o controle sobre as sementes e os produtos “necessários” para a produção daquela semente/cultura, desprestigiando os saberes locais e o tempo da natureza. Assim, populações ficam dependentes dos produtos dessas corporações e sob o domínio de quem tem essas tecnologias, os chamados meios de produção.

Algumas obras escritas por Vandana Shiva: *Staying Alive: Women, Ecology, and Development* (1989); *The Violence of the Green Revolution* (1991) (*A Violência da Revolução Verde* (2015)); *Biodiversity* (1992); *Monocultures of the Mind* (1993) (*Monoculturas da Mente*, 2003); *Biopolitics* (1995); *Stolen Harvest* (2001); *Protect or Plunder* (2001); *Earth Democracy* (2005); *Soil Not Oil* (2009); *Biopiracy – The plunder of nature and knowledge* (1999) (*Biopirataria: A pilhagem da natureza e do conhecimento* (2001)); *Ecofeminism* (2014 – 2º ed.) (*Ecofeminismo* (2021)).

ATIVISMO

Vandana Shiva é uma ativista ambiental que discute e denuncia questões como a patente das sementes, a propriedade intelectual, a biodiversidade e sua importância, as implicações da biotecnologia, da engenharia genética. Ela participa de movimentos internacionais, alertando para algumas ações que grandes corporações intencionam implantar em algumas comunidades ou países, como os Organismos Geneticamente Modificados (OGM). Nos artigos e nas entrevistas concedidas por Shiva, evidenciam-se inúmeras motivações para o seu ativismo ambiental.

Uma das situações mais significativas relatadas por Shiva foi quando ela foi visitar uma floresta indiana com um lindo rio. Quando chegou ao local, constatou que a floresta estava sendo derrubada e o rio havia sido drenado para o plantio de maçãs, ou seja, a biodiversidade estava sendo destruída para a implantação de uma monocultura. Desta forma, um dos movimentos mais representativos que Shiva participou e foi mensageira foi o movimento *Chipko*, que deriva da palavra *hindi* e significa “abraçar” ou “agarrar-se”. Ocorrido na Índia na década de 1970, foi uma ação organizada por aldeões e mulheres em que eles abraçaram as árvores como forma de proteger as florestas da extração de madeira. Nas



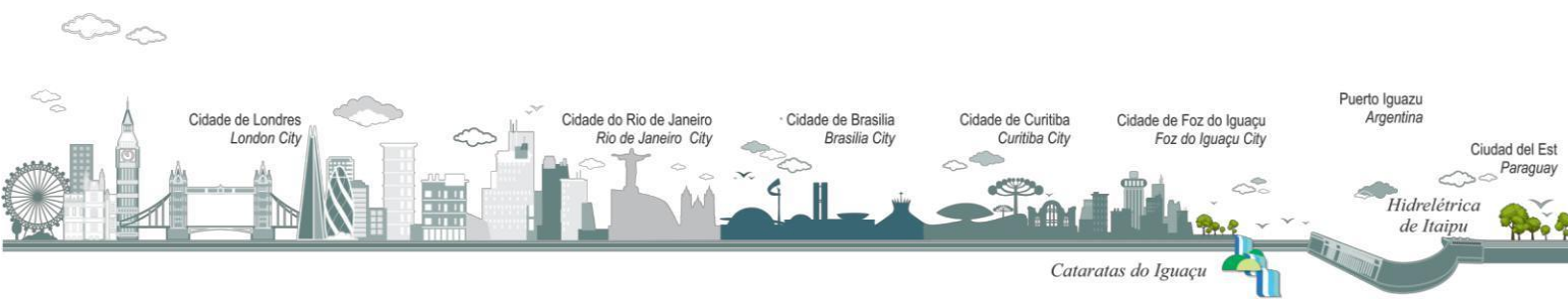


florestas, as mulheres coletavam diversos produtos para a alimentação, artesanato, dentre outras atividades e, essas ações arbitrárias de derrubadas da floresta, em muitos casos com o aval do governo, impediam as mulheres de ter acesso a esses espaços. Deste modo, o movimento *Chipko*, que se propagou em outras manifestações pelo mundo, foi uma forma pacífica de manifestar contra a derrubada das florestas e proteger as árvores (Becket *et al.* 2021; Petruzzello, 2023).

Shiva é diretora da *Research Foundation for Science, Technology and Ecology* (*Fundação de Pesquisa em Ciência, Tecnologia e Ecologia*) criada em 1982 cujo objetivo é realizar uma pesquisa independente sobre os problemas ecológicos de nosso tempo. Em entrevista que faz parte da produção *As sementes de Vandana Shiva*⁵, ela destaca a importância de realizar uma pesquisa de forma independente, sem o financiamento de alguns grupos, pois desta forma não precisa atender à interesses secundários (Becket *et al.* 2021).

Shiva é fundadora da *ONG Navdanya*, criada em 1991. Neste espaço são promovidas: a biodiversidade de sementes, a diversidade de alimentos, nutrição, o cuidado com a terra, das plantações orgânicas e dos direitos de agricultores locais. *Navdanya* foi criada após a formação de um banco/biblioteca de sementes no qual os produtores trocam e armazenam sementes crioulas, que são importantes para a preservação da diversidade das sementes existentes (Becket *et al.* 2021; Navdanya). As sementes que estão nesta biblioteca são emprestadas aos agricultores para que eles possam plantar, colher e devolver uma parte dessas sementes para as bibliotecas. Desta forma, tem-se cerca de 150 bibliotecas similares em toda a Índia. Com esse espaço, os agricultores têm acesso a sementes que não teriam nos estabelecimentos comerciais, uma vez que muitas desapareceram ou não são de interesse comercial. Além disso, os agricultores têm condições de produzir com autonomia, respeitando o tempo da natureza, produzindo de forma saudável e sustentável para a sua subsistência e ainda alimentando as bibliotecas de sementes. Neste espaço encontra-se também um restaurante e há um livro de receitas *Forgotten foods* (Comidas esquecidas) que procura manter vivas essas sementes e os alimentos produzidos com esses grãos.

⁵ BECKET, Camila. BECKET, Kames. WHITNEY, Jim. Direção e Produção. *As sementes de Vandana Shiva*. Disponível em: <https://play.ecofalante.org.br/>, 2021. Acesso em: 28 jul 2023.





Na ONG também foi construída uma escola, a *Bija Vidyapeeth* (que significa, *Escola da Semente* ou *Universidade da Terra*), onde são disponibilizados cursos sobre biodiversidade e agroecologia e um, em especial, ministrado por avós que compartilham os seus conhecimentos sobre plantas, cuidados com a terra. Uma versão internacional da *Navdanya* é a *Diverse Women for Diversity* (*Mulheres Diversas pela Diversidade*), que considera os direitos das mulheres e da natureza. Shiva fundou a *Navdanya International*, em 2011, na Itália e é presidente da *Comissão Internacional sobre o Futuro da Alimentação e da Agricultura* (Balduino, 2012).

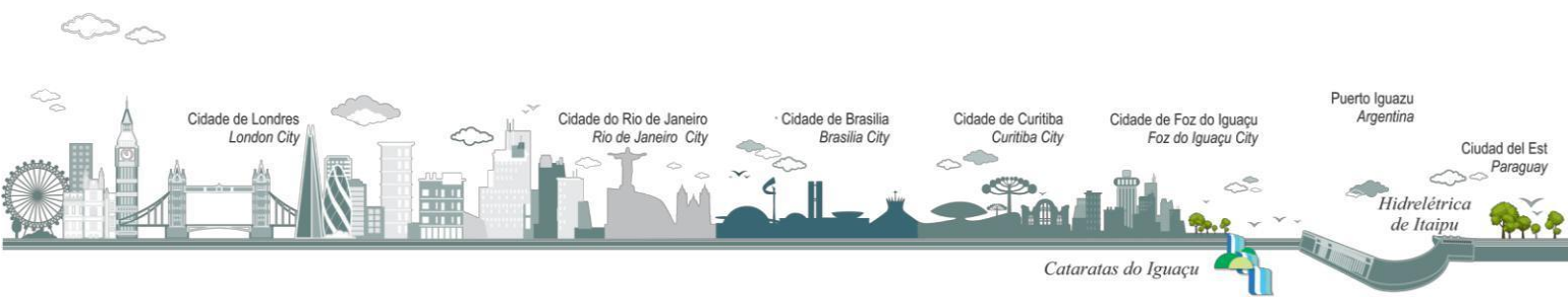
Além disso, Vandana Shiva recebeu alguns prêmios, como: *Right Livelihood Award* (chamada de Prêmio Nobel Alternativo - 1993); a Bolsa *John Lennon-Yoko Ono para a Paz* (2008); *Prêmio da Paz de Sydney* (2010); e o *Prêmio da Paz de Calgary* (Canadá, 2011) e líder do *Fórum Internacional sobre Globalização* e ganhou vários prêmios.

CRÍTICAS

Vandana Shiva, participou e organizou diversos movimentos com o intuito de chamar a atenção para as intenções e *modus operandi* das grandes corporações capitalistas e as consequências que estas mudanças trariam para a vida das pessoas e para os ecossistemas. A Revolução Verde⁶, por exemplo, é muito criticada por Shiva, uma vez que consiste numa mudança na agricultura tradicional passando de uma produção em escala local, com sementes crioulas, respeitando o ciclo da natureza e os saberes dos produtores para uma agricultura industrial em escala global, com sementes modificadas e que causam danos ao meio ambiente.

A Revolução Verde foi apresentada por corporações de mercado, organismos multilaterais e governos como uma solução para o problema da fome que assolava e que ainda ocorre sobretudo nos países da periferia capitalista, o chamado mundo em

⁶ Na obra *A Violência da Revolução Verde* (2015, p. 21), Shiva destaca que “A Revolução Verde foi baseada no pressuposto de que a tecnologia é um substituto superior para a natureza e, como tal, um meio para produzir crescimento ilimitado, não condicionado pelos limites naturais”. Essa forma de relação com a natureza acaba por destruir a natureza, a biodiversidade, a terra fértil e a abundância. No lugar das riquezas naturais tem-se sementes geneticamente modificadas, tecnologias, agroquímicos e agrotóxicos.



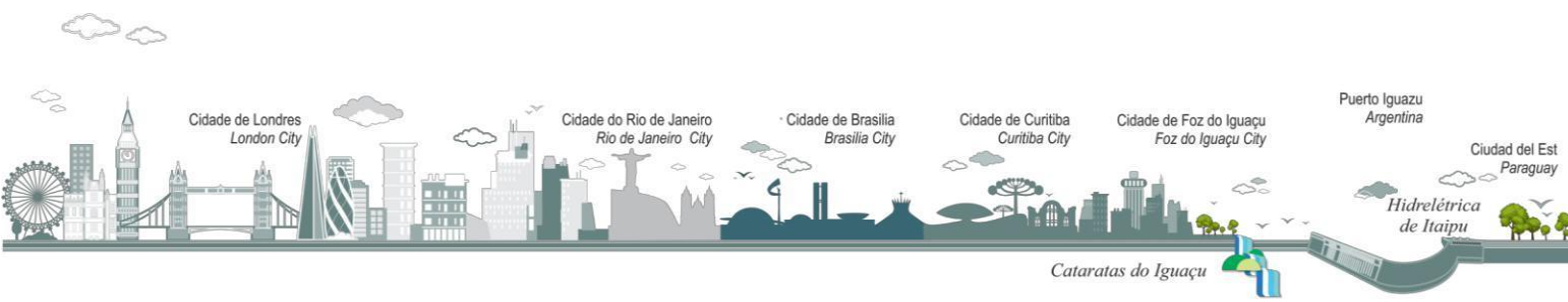


desenvolvimento. Para tanto, a Revolução Verde promoveu e implementou uso de equipamentos modernos produzidos por países ricos, sementes geneticamente modificadas, cuja proposta e o discurso utilizado era o de produzir mais alimentos e alimentos mais nutritivos, plantas mais resistentes a alguns herbicidas e agrotóxicos. Com esta mudança, valorizam-se as monoculturas, onde as sementes e os produtos, seja adubos, fertilizantes e agrotóxicos estão nas mãos de grandes corporações que dominam os espaços de comercialização e produção agrícola. Shiva denuncia que a revolução na verdade empobreceu o solo, o rio e suas nascentes secaram, destruiu a diversidade genética, a biodiversidade, expulsou e endividou os pequenos produtores e desvalorizou os saberes, as produções e status das mulheres. Deste modo, essa prática não resultou na produção de mais alimentos e alimentos mais nutritivos, conforme o discurso difundido, mas na dominação capitalista do campo. Com as monoculturas, todas as sementes são comercializadas e produzidas em todos os lugares, ao mesmo tempo que com as tecnologias se substituiu o trabalhador por máquinas e produtos que “realizam” o trabalho e assim as empresas aumentam seus lucros, mas também o seu poder e controle sobre as pessoas e a terra (Shiva, 2002, p. 16; 66 e 67; Becket *et al.* 2021).

Os produtos utilizados na agricultura industrial contribuem para: o efeito estufa, às mudanças climáticas, o desmatamento, a escassez de água, o desaparecimento da biodiversidade e dos saberes locais (Becket *et al.* 2021). Além disso, tem-se estudos de que algumas doenças crônicas estão relacionadas com a pulverização de veneno⁷, doenças como câncer, autismo, alergias, infertilidade etc. Essas informações são de conhecimento dos grupos dominantes, contudo não são repassadas aos consumidores que, desconhecedores ou até mesmo convencidos do não malefício, acabam consumindo. Uma alternativa a esse tipo de produção e defendida por Shiva seria a agroecologia⁸, cultivando alimentos saudáveis para o meio ambiente e para a saúde dos consumidores, sem o uso de veneno.

⁷ Nos últimos anos, tem-se alterado a terminologia para tornar menos impactante a real função do produto. De veneno passou para agrotóxico e agora para defensivo agrícola. Sua aplicação continua a mesma: combater ervas daninhas, insetos e fungos, secar a planta a força, enfim, formas químicas de acelerar o processo que causam danos ao meio ambiente e aos consumidores.

⁸ Miguel Altieri, em *Agroecologia: Bases Científicas para uma Agricultura Sustentável* (2012, p. 16 e 17) destaca que “A Agroecologia se fundamenta em um conjunto de conhecimentos técnicos que se desenvolvem a partir dos agricultores e de seus processos de experimentação. (...) são profundamente enraizados na racionalidade

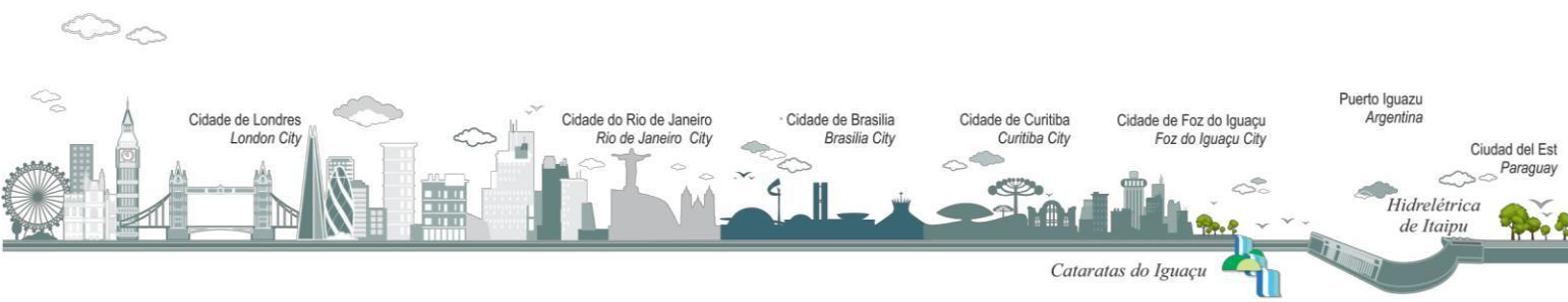




Um outro ponto que Shiva destaca em suas obras é o reducionismo da ciência hegemônica contemporânea. Defende-se que a ciência é a que salvará, que será a solução de todos os problemas da humanidade, quando na verdade, observando a Revolução Verde, observa-se que ela tem uma série de problemas e intencionalidades nada emancipatórias. Em muitos casos, a ciência divide o todo em partes e se dedica a estudar sobre aquela parte, aquele assunto e, em alguns casos, não consegue observar e fazer a conexão da parte com o todo, negando o holismo/perspectiva de totalidade. Os saberes tradicionais, têm toda uma leitura de conjunto: o conhecimento da terra, dos períodos de plantio, do desenvolvimento das sementes, relação com a lua, o contato com a terra e com os demais recursos, tem uma relação harmoniosa, de cuidado com a natureza. Além disso, com as ações realizadas pela Revolução Verde, as sementes e a natureza não passam pelo seu curso natural, pelo processo de desenvolvimento e regeneração, em outras palavras, não se respeita o tempo da natureza, o que ocorre é o aceleração para que haja mais produções, ou safras, e mais produtos/mercadorias.

As monoculturas produtivas e mentais, outro tema muito discutido por Shiva, se instalam quando as grandes corporações vendem a ideia de que as florestas e a biodiversidade não são produtivas, segundo a perspectiva do capitalismo. Contudo, o que se evidencia é que as florestas são uma fonte de renda considerável, mas não para grupos dominantes. Na sua maioria, os beneficiados são os pequenos produtores, camponeses e outros grupos que retiram da floresta o seu sustento. Além disso, esses grupos não avaliam positivamente a liberdade e a autonomia dos produtores, uma vez que é um grupo que não é dominado por eles, que não compra seus produtos, não reverte sua produção, não entra no ciclo danoso que a monocultura traz (Shiva 2002, p. 10 e 11; Becket *et al.* 2021). Ao contrário, os produtores tradicionais valorizam a vida, a sustentabilidade, os saberes e os povos locais, respeitam o tempo da natureza e os seus ciclos. Esses povos, a partir do trabalho realizado e da valorização da biodiversidade, produzem alimentos saudáveis e mais nutritivos. A monocultura quer controlar, quer poder, rentabilidade, é um grupo que concentra as decisões,

ecológica da agricultura tradicional". É uma forma de produção sustentável, que faz uso de recursos naturais, respeita o tempo da natureza, considera os saberes dos povos locais, produzindo e abastecendo a população local, em muitos casos.





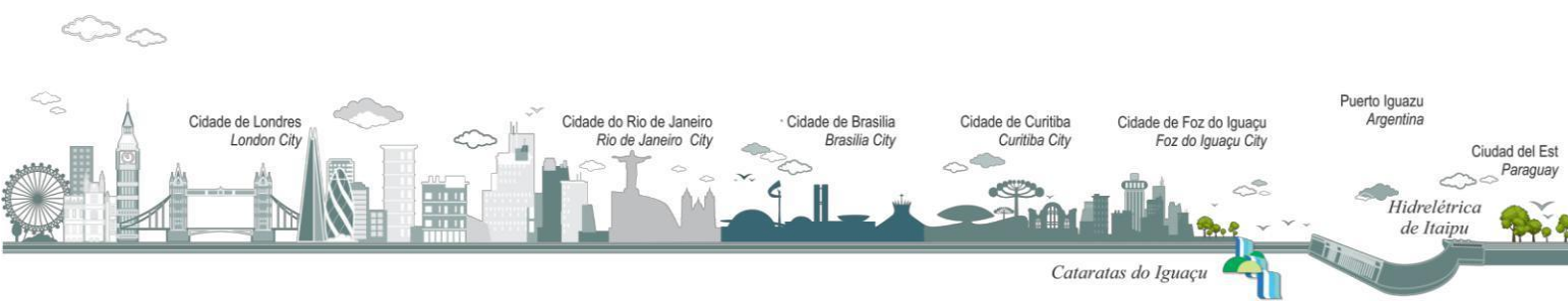
a tecnologia e os lucros, que exclui o diferente deles, que padroniza o conhecimento e não está preocupada com produção de alimentos, mesmo porque quem produz alimentos são os pequenos produtores e não as grandes áreas de commodities, que são mercadorias para o sistema capitalista.

Desta forma, a mudança de paradigma começa quando se dá conta de que a produção de alimentos saudáveis e sustentáveis ocorre através de práticas agroecológicas, com uma maior preservação da biodiversidade. Além disso, são práticas que geram emprego, cooperação, vida saudável, respeito ao meio ambiente e ao solo. É uma forma de semear as sementes da esperança, de liberdade, de uma vida saudável, de respeito a biodiversidade valorizando os saberes das mulheres, dos povos tradicionais e os saberes locais, pautada na cooperação (Mies *et al*, 2021, p. 33).

ECOFEMINISMO

As reflexões e práticas ecofeministas, que compreendem reivindicações feministas e ecológicas, estão presentes há algum tempo nas ações de comunidades e movimentos que procuram denunciar a devastação ambiental, as ações do patriarcado capitalista e do colonialismo sobre as mulheres e a natureza. Nas décadas de 1960 e 1970, as reivindicações feministas e ecológicas começam a ter uma maior evidência. Contudo, atribui-se a Françoise d'Èaubonne a utilização do termo ecofeminismo em sua obra *Le Feminism ou la Mort (Feminismo ou a Morte)*, em 1974. (Mies *et al*, 2021, p. 65; Bassoli)

Está corrente compreende uma visão da relação que as mulheres possuem com a natureza, como são tratadas, a exploração e as mudanças que decorrem desses movimentos de conscientização, participação e engajamento visto que a partir destas ações, podem ocorrer mudanças nas relações de gênero, na forma como se atua e se valoriza o meio ambiente. As mulheres, que normalmente são aquelas que produzem alimentos, estão responsáveis pela educação e cuidado com os filhos e com a produção e manutenção da mão-de-obra, tem um papel fundamental na mudança de pensamento. Contudo, muitas vezes são desprestigiadas, desvalorizados seus saberes e sua produção. Como não produzem riqueza (de acordo com os parâmetros patriarcais e capitalistas), visto que consomem o que

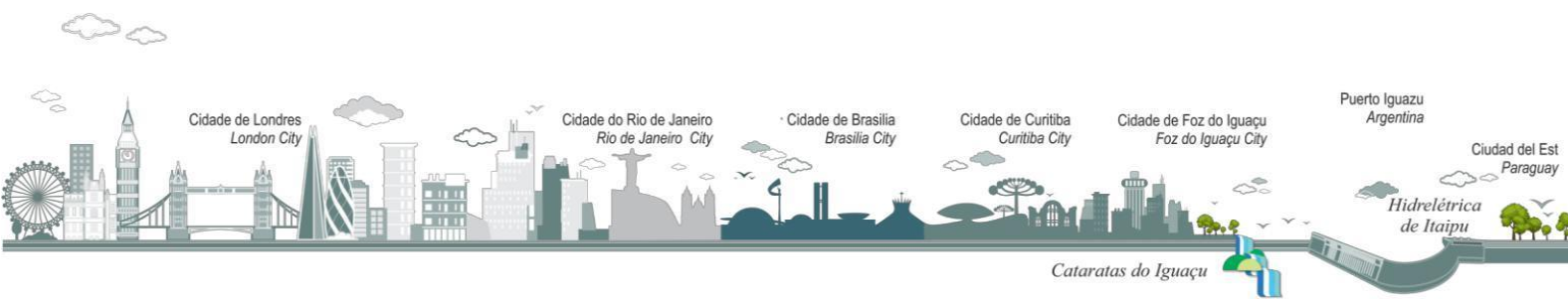




produzem, ou melhor, a sua produção é consumida pela própria família, seu trabalho é voltado para a família, não são remuneradas e não são consideradas trabalhadoras (Mies *et al*, p. 26). Frente a isso, como se fazerem ouvidas? Neste sentido, o ecofeminismo é um movimento que conta com o engajamento de mulheres, comunidades e grupos pertencentes a regiões mais pobres, exploradas e que procura enfatizar que todos são seres humanos que fazem parte da natureza e estão conectados com ela. Reforça-se que a natureza e as mulheres são sujeitas autônomas, não são sujeitos passivos que podem ser explorados e violados pelo poder masculino e capitalista. Vale ressaltar que não são todos os homens que lucram e tem poder sob a natureza e as mulheres, isto é privilégio de alguns poucos que devido ao poder, dinheiro e outros dispositivos de controle, conseguem se manter e aumentar ainda mais o seu poder sobre os homens, as mulheres e a natureza

O socio metabolismo capitalista necessariamente produz pobreza e exploração da força de trabalho e dos recursos naturais, da vulnerabilidade para atingir seus objetivos, procurando dividir, fragmentar os seres e saberes para dominar. Ou seja, procura separar o homem da vida, da natureza, depois subdivide os homens em brancos, negros, mulheres, ocidentais, orientais e outras divisões que acabam por enfraquecer os ideais coletivos e assim, sendo mais fácil a incorporação dos dispositivos políticos e ideológicos de controle. Enquanto alguns homens estão se afastando da vida e da natureza, em alguns casos procurando serem superiores, várias mulheres estão procurando se reconectar com a natureza, buscando alimentos e água. Esta conexão não tem fatores biológicos, ou seja, porque é mulher, mas sim porque deixaram a ela esses cuidados, a partir da divisão sexual do trabalho. (Mies *et al*, 2021, p. 20; 27; 28; 40,41)

O ecofeminismo procura chamar atenção para as questões que envolvem as mulheres e a natureza, as formas de dominação e opressão que as mulheres e a natureza sofrem, a desvalorização dos saberes culturais, tradicionais, da biodiversidade, do tempo da natureza para a produção de algo. Ao tratar destes pontos, o ecofeminismo faz diversas abordagens metodológicas, epistemológicas, dialogando com diferentes teorias políticas e feministas. Essas discussões são importantes, visto serem os grupos que são mais vulneráveis às consequências das mudanças climáticas e mais oprimidos pelas monoculturas econômicas, mentais e científicas do capitalismo tardio. Com este intuito, Vandana Shiva, defende o





ecofeminismo como uma forma de pensamento e ação que reconhece a interdependência entre: as diferentes formas de vida, a biodiversidade, a importância dos saberes tradicionais, da natureza, da cooperação entre os diferentes agentes e das relações de cuidado. Para além da exposição e da denúncia dessas diferentes formas de exploração e dominação, precisamos olhar para os caminhos que podem nos levar para as mudanças, para uma vida mais sustentável, igualitária, sem exploração de classe social e gênero com cooperação entre todas e todos. Nesta perspectiva, tem-se que

(...) o ecofeminismo, (...) é uma cuidadosa elaboração teórica de princípios formulados a partir da realidade e dos embates que as mulheres produzem na sua existência concreta, na luta pela sobrevivência de seus saberes e para se manterem vivas (Mies *et al*, 2021, p. 11).

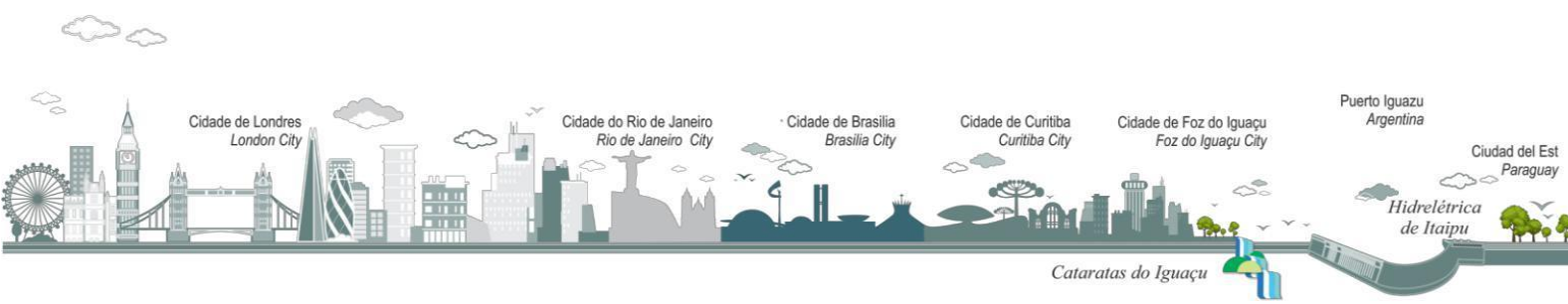
Ou seja, possuem como base das suas lutas e reivindicações aquilo que estão vivendo. Como exemplo podemos citar o Relatório da ONU que destaca que as mulheres são as mais afetadas com as crises climáticas (Ferreira, 2021).

No prefácio da obra *Ecofeminismo*, Ariel Salleh destaca que

O ecofeminismo é a única estrutura política que conheço capaz de explicar as ligações históricas entre o capitalismo neoliberal, militarismo, ciência corporativa, alienação do trabalhador, violência doméstica, tecnologias reprodutivas, turismo sexual, abuso sexual infantil, neocolonialismo, islamofobia, extrativismo, armas nucleares, tóxicos industriais, apropriação de terras e água, desmatamento, engenharia genética, mudanças climáticas e o mito do progresso moderno. (Mies *et al*, 2021, p. 17 e 18).

Isto reforça o anteriormente exposto de que o ecofeminismo é uma corrente interdisciplinar e transdisciplinar e que possui uma visão abrangente das diferentes questões além de propor uma relação harmônica e sustentável entre ser humano e natureza. É necessário salientar que estes temas assumem centralidade nas discussões de Shiva (Mies *et al*, 2021).

A contribuição das mulheres para a mudança de paradigma é apresentada no artigo *Do lado dos últimos. Entrevista com Vandana Shiva* (Battiston, 2009), na qual ela destaca que as mulheres conhecem o funcionamento do sistema, formas de proteção, de cuidado e de



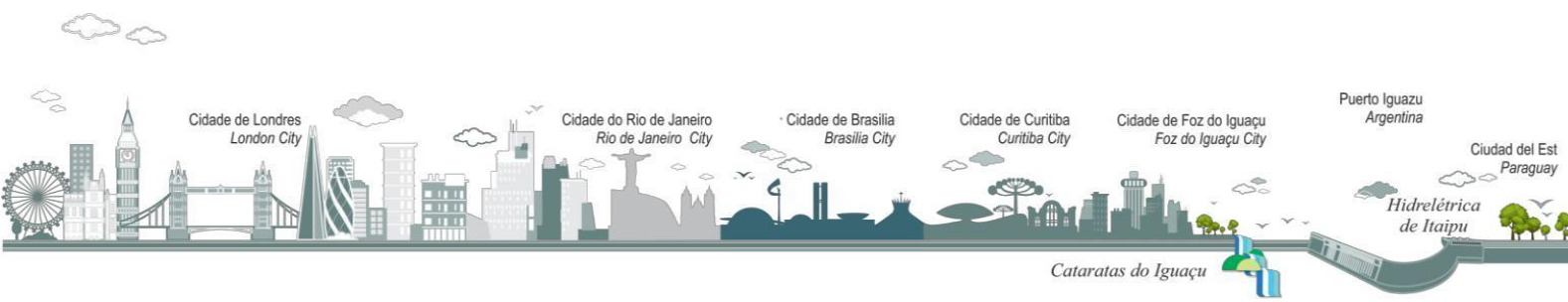


produção sustentável. Com o desenvolvimento capitalista, tem-se que aquilo que as mulheres produzem para a subsistência, não é considerada produção, não é produtivo e não é considerado trabalho porque são produtos consumidos pela própria família e neste interim, não contribuem para o Produto Interno Bruto (PIB) ou para a grande economia de mercado capitalista. Deste modo, segundo Shiva, cabe às mulheres as mudanças de paradigma, uma vez que o ecofeminismo conecta mulher com natureza, e a interdependência entre libertação das mulheres e sustentabilidade ecológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maneira como Vandana Shiva engaja sujeitos e sujeitas, produz e propaga conhecimento ecofeminista é fundamental para uma mudança de paradigmas de gênero, ciência e desenvolvimento. Ao denunciar as intenções e a forma como atores e saberes dominantes agem e, as pessoas e grupos subalternos são (re)educados sobre os mecanismos de dominação. Pois a mudança de paradigmas só é possível quando as pessoas estão conscientes de sua capacidade de gerar mudanças, de como as mudanças podem afetar as suas vidas e como podem agir para reduzir os danos. Quando se pensa nas bibliotecas de sementes, sujeitos ativos, que colaboram com a manutenção e propagação de todo esse conhecimento, pode-se perceber que estes não estão “contaminados” pelas monoculturas mentais e produtivas. Estão vendo e vivendo a diversidade, a biodiversidade, a sua riqueza, beleza e os alimentos nutritivos e saudáveis produzidos, reforçando a autonomia de agricultores e populações tradicionais frente a mercantilização da terra e dos espaços rurais.

Sendo assim, pode-se pensar em Vandana Shiva como uma ativista-intelectual que catalisa, engaja e promove empoderamento e educação ecofeministas. Como uma pensadora crítica ecofeminista, ela não apenas mostra como agem as organizações capitalistas e patriarcais, Shiva também apresenta caminhos alternativos ao modo de produção capitalista-patriarcal, ambiental e socialmente injusto; entre eles os processos coletivos de conscientização e a organização política ecofeminista e a adoção do modelo agroecológico de produção e reprodução social.





REFERÊNCIAS

ALENCAR, Ana Alves Alencar; PEDRO, Antonio Fernando Pinheiro. **ECOFEMINISMO**. Portal Ambiente Legal, 2021. Disponível em: <https://www.ambientelegal.com.br/ecofeminismo/>. Acesso em: 09 ago 2023.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: Bases Científicas para uma Agricultura Sustentável**. Trad. Rosa L. Peralta, Eli Lino de Jesus e Patrícia Vaz. 3º ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012.

BALDUINO, Ludmilla. **Quem é Vandana Shiva?** GWATÁ: Grupo de Agroecologia e Educação do Campo (Universidade Estadual de Goiás), 2012. Disponível em: <https://gwata.ueg.br/quem-e-vandana-shiva/>. Acesso em: 16 jul 2023.

BARSAMIAN, David. **Monoculturas da mente: uma entrevista com Vandana Shiva**. Trad. Danielle Sales. EcoDebate, 2012. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2012/12/19/monoculturas-da-mente-uma-entrevista-com-vandana-shiva/>. Acesso em: 02 ago 2021.

BASSOLI, Melina. **Breve histórico do ecofeminismo**. Qgfeminista. Disponível em: [https://qgfeminista.org/breve-historico-do-ecofeminismo/#:~:text=Em%201974%2C%20o%20termo%20%E2%80%9Cecofeminismo,rela%C3%A7%C3%A3o%20entre%20superpopula%C3%A7%C3%A3o%2C%20devasta%C3%A7%C3%A3o%20da](https://qgfeminista.org/breve-historico-do-ecofeminismo/#:~:text=Em%201974%2C%20o%20termo%20%E2%80%9Cecofeminismo,rela%C3%A7%C3%A3o%20entre%20superpopula%C3%A7%C3%A3o%2C%20devasta%C3%A7%C3%A3o%20da.). Acesso em: 09 ago 2023.

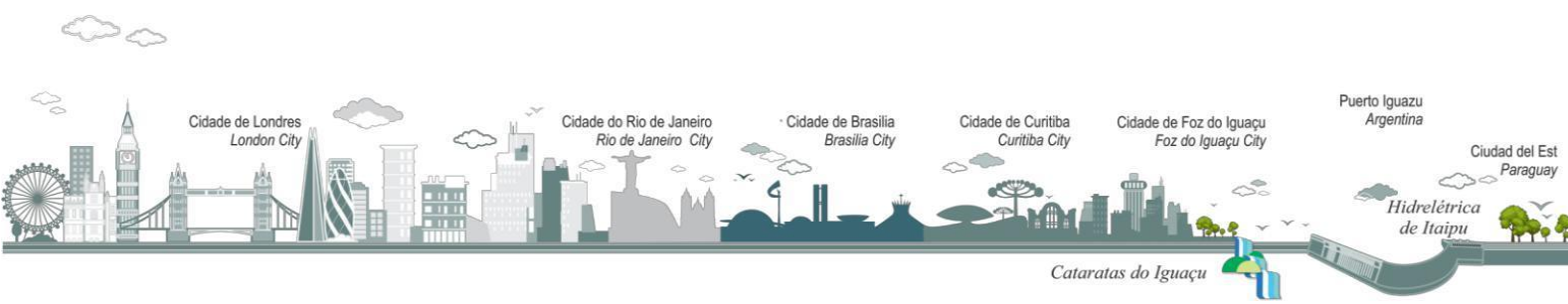
BATTISTON, Giuliano Battiston; **Do lado dos últimos. Entrevista com Vandana Shiva**. Tradução de Moisés Sbardelotto. EcoDebate, 2009. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2009/01/23/do-lado-dos-ultimos-entrevista-com-vandana-shiva/>. Acesso em: 12 ago 2023.

BECKET, Camila. BECKET, Kames. WHITNEY, Jim. Direção e Produção. **As sementes de Vandana Shiva**. Disponível em: <https://play.ecofalante.org.br/>, 2021. Acesso em: 28 jul 2023.

CASTRO, Haroldo; PAULINO, Giselle. **Vandana Shiva mostra em fazenda-modelo como alimentos esquecidos podem ser recuperados**. Época, 2017. Disponível em: <https://epoca.globo.com/sociedade/viajologia/noticia/2017/08/vandana-shiva-mostra-em-fazenda-modelo-como-alimentos-esquecidos-podem-ser-recuperados.html>. Acesso em: 12 ago. 2023

Ecofeminismo. Artigo de Vandana Shiva - Instituto Humanitas Unisinos, 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/602416-ecofeminismo-artigo-de-vandana-shiva>. Acesso em: 23 jul 2023.

FERREIRA, Daniel. **Relatório aponta urgência para enfrentar as mudanças climáticas e as desigualdades de gênero**. ONU Mulheres Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/relatorio-aponta-urgencia-para-enfrentar-as-mudancas-climaticas-e-as-desigualdades-de-genero/>. Acesso em: 20 ago 2023.





FREITAS, Andrea Cunha. **Da colonização das sementes à colonização da mente.** Fronteiras do Pensamento, 2020. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/entrevistas/vandana-shiva-da-colonizacao-das-sementes-a-colonizacao-da-mente>. Acesso em: 09 abr 2022.

KLEBAL, Maria Elisabeth; WENDAUSEN, Agueda. **Empoderamento:** processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. Scielo Brasil, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/pnCDBh88LDqWwDTx9pGK39h/>. Acesso em: 16 jul. 2023.

KUHNEN, Tânia A.; ROSENDO, Daniela. **Ecofeminismos.** Blog de Ciências da Universidade Estadual de Campinas, 2021. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2021/05/Ecofeminismos.docx.pdf>. Acesso em: 15 jul 2023.

LEFÈVRE, Gabrielle. **Vandana Shiva contra o clube dos bilionários.** Entre/les/lignes, 2020. Disponível em: <https://www.entrelignes.be/humeurs/l-tu-lululu/vandana-shiva-contre-le-club-des-milliardaires>. Acesso em: 07 jul 2023.

MELITO, Leandro. Desenvolvimento para 1%. Artigo de Vandana Shiva publicado em **Pluriverso:** dicionário do pós-desenvolvimento. Elefante, 2021. Disponível em: <https://elefanteeditora.com.br/desenvolvimento-para-o-1/>. Acesso em: 23 mar. 2022.

Mulheres construindo economia feminista e soberania alimentar na Índia. Capire, 2023. Disponível em: <https://capiremov.org/entrevista/mulheres-construindo-economia-feminista-e-soberania-alimentar-na-india/#:~:text=Na%20C3%8Dndia%2C%2080%25%20do%20trabalho%20agr%C3%ADcola%20C3%A9%20realizado,o%20reconhecimento%20das%20agricultoras%20s%C3%A3o%20nossos%20dois%20focos>. Acesso em: 17 ago. 2023.

MIES, Maria. SHIVA, Vandana; **Ecofeminismo.** Trad. Caroline Caires Coelho. Belo Horizonte: Editora Luas, 2021.

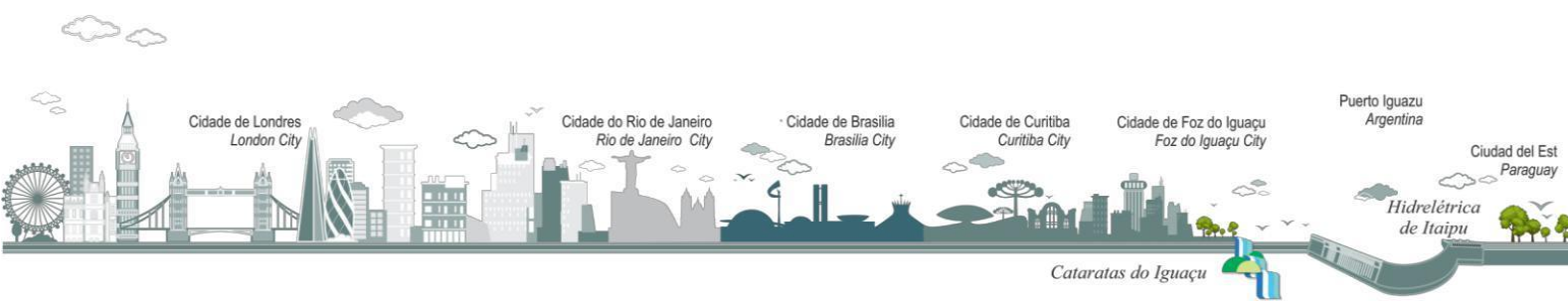
Navdanya. Disponível em: <http://www.navdanya.org/>. Acesso em 16 jul. 2023.

OLIVEIRA, Pérciles. **Vandana Shiva e o modelo agrícola da Revolução Verde.** Agro com Ciência: Cultura Orgânica e Sustentabilidade, 2013. Disponível em: <https://agrocomciencia.wordpress.com/2013/08/10/vandana-shiva-e-o-modelo-agricola-da-revolucao-verde/>. Acesso em: 16 jul 2023.

OLIVEIRA, Tinna. **Biodiversidade na alimentação.** Ministério do Meio Ambiente, 2013. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/noticias/biodiversidade-na-alimentacao>. Acesso em: 20 jan 2022.

ONU Mulheres Brasil. **“Crises multiplicam ameaças, mulheres são multiplicadoras de soluções”, diz diretora executiva da ONU Mulheres na CSW 66.** ONU Mulheres Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/crises-multiplicam-ameacas-mulheres-sao-multiplicadoras-de-solucoes-diz-diretora-executiva-da-onu-mulheres-na-csw-66/>. Acesso em: 19 ago 2023.

PETRUZZELLO, Melissa. Movimento **Chipko:** Movimento ambientalista indígena, 2023. Britannica. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Chipko-movement>. Acesso em: 16 jul. 2023.





ROCHA, Iolanda. **Ecofeminismo** – o equilíbrio de que o mundo precisa. Disponível em: <https://www.xapuri.info/feminismo/ecofeminismo-o-equilibrio-que-o-mundo-precisa/#:~:text=As%20Ecofeministas%20de%20todo%20o%20mundo%20entendem%20que,a%20comunidade%20de%20vida%20existente%20no%20Planeta%20Terra>. Acesso em: 01 maio 2022.

ROMERAL, Diego Fernández. **“Colocam a humanidade no limite”**: Vandana Shiva. Trad. de Henrique Denis Lucas. 2017. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2017/07/05/colocam-a-humanidade-no-limitevandana-shiva/>. Acesso em: 12 ago 2023.

SBARDELOTTO, Moisés. **“Gaia sagrada”**: as relações entre ecologia, feminismo e cristianismo. Trad. Luís Marcos Sander. IHU Online Revista do Instituto Humanitas Unisinos, 2010. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/18-artigo-2010/3563-anne-primavesi>. Acesso em: 23 jul 2023.

SHIVA, Vandana. **Biopirataria**: A pilhagem da natureza e do conhecimento. Trad. Laura Cardellini Brbosa de Oliveira. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da Mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. Trad. Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.

SHIVA, Vandana. **Guerras por Águas**: privatização, poluição e lucro. Trad. Georges Kormikiaris. São Paulo: Radical Livros, 2006.

SHIVA, Vandana. **A Violência da Revolução Verde**: Agricultura, Ecologia e Política do Terceiro Mundo. Trad. Luís Humberto Teixeira. Edições Mahatma, 2015.

TINTORÉ, Enric. **Vandana Shiva**: A saúde do planeta e a nossa são a mesma. Trad. Cepat. Instituto Humanitas Unisinos – IHU, 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/609449-vandana-shiva-a-saude-do-planeta-e-a-nossa-sao-a-mesma>. Acesso em: 02 fev. 2022.

WOLFART, Graziela. **O crescimento do ecofeminismo na América Latina**. IHU Online Revista do Instituto Humanitas Unisinos, 2009. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2745-mary-judith-ress>. Acesso em: 23 jul 2023.

